



Os veículos do 4º Batalhão da PMDF, no Guará, estão parados desde a noite de sexta-feira, quando praças se uniram em protesto por melhores salários: prova da continuidade da operação tartaruga, proibida pela Justiça

Policiais se recusam a dirigir

» THALITA LINS
» THAIS PARANHOS
» GABRIELLA FURQUIM

Proibidos pela Justiça de seguir com a operação tartaruga, iniciada em outubro, policiais militares do Distrito Federal têm recorrido a outros meios para continuar o movimento — agora chamado por eles como operação legalidade — e demorar a atender as ocorrências. Desde ontem, praças de alguns batalhões, como os do Guará e de Santa Maria, deixaram de rodar com os carros da corporação sob a alegação de não estarem capacitados a conduzir veículos de emergência. Por ordem do Comandante-geral, o patrulhamento tem sido feito a pé, embora a cúpula afirme que o curso de formação dos policiais supre as exigências do Código de Trânsito Brasileiro (CTB),

que autoriza somente quem tem curso prático a guiar ambulâncias e veículos policiais ostensivos.

O 4º Batalhão, no Guará, foi o primeiro a adotar a medida, no fim da noite de sexta-feira. Os policiais deixaram os carros oficiais estacionados na unidade e usaram veículos particulares para circular na região, afirmam militares que não quiseram se identificar por medo de represálias. “Tenho 28 anos de casa e nunca passei por qualificação para ter a autorização para dirigir essas viaturas”, alegou um PM. No entanto, até vir à tona o descontentamento com os salários, todos os PMs se sentiam aptos a dirigir qualquer tipo de veículo, inclusive para atividades particulares.

Na noite da sexta-feira, um micro-ônibus levou cerca de 20 PMs do 4º Batalhão à Estrutural — região de responsabilidade da

unidade — para rondas a pé. Ontem, um documento feito por praças e dirigido ao comando local pedia que os oficiais superiores se responsabilizassem, por escrito, sobre eventuais acidentes em caso de um dos policiais da unidade saírem no comando de uma das viaturas. No pedido, com os timbres do quartel e do GDF, constava que “nenhum responsável pela liberação da viatura assinou a ficha liberando-a para realização de policiamento motorizado”.

Na manhã de ontem, homens do 26º Batalhão da PM, em Santa Maria, aderiram ao movimento. Nenhum policial do quartel quis dar entrevista, mas, percorrendo as vias da cidade, o *Correio* encontrou apenas uma dupla de Cosme e Damião. De acordo com um PM, que não quis ser identificado, 16 colegas escalados no plantão fariam o policiamento em toda a cidade. “Mas isso fere as regras internas da corporação. A norma proíbe que fiquemos mais de seis horas trabalhando a pé na rua”, explicou ele.

Moradores e comerciantes do Guará e de Santa Maria perceberam o corpo mole dos PMs. Morador de Santa Maria, o lojista Osmar Simi, 51 anos, não escondeu o medo. “A PM na rua a pé não resolve nada. Queremos as viaturas circulando, porque só assim o trabalho deles fica ágil”, cobrou. A professora Nayara dos Santos, 29 anos, acredita que os policiais estejam tentando chamar a atenção dos superiores. “Sem os carros oficiais, os criminosos se sentiram mais livres para praticar crimes porque terão facilidade para fugir. Esse é meu medo”, disse a moradora do Guará.

Breno Fortes/CB/D.A Press



Em Santa Maria, os militares só fizeram rondas andando pelas ruas